

CIÊNCIA CULTURAL OU NATURAL?

(A propósito de uma afirmação do Sr. Gilberto Freyre)

Evaristo de MORAES FILHO

Inegavelmente, a obra mais séria e duradoura do Sr. Gilberto Freyre é *Casa Grande e Senzala*, aparecida em primeira edição no ano de 1933. Deu-se com êle a mesma coisa que com alguns outros escritores que estreiam em livro relativamente tarde. Quando da publicação dêsse seu estudo já contava o autor com mais de trinta anos de idade, não sendo conhecido antes senão através de artigos esparços de jornal e de uma poesia modernista sôbre a Bahia. O livro de 33 lançou-o de chôfre entre o que de melhor contava o Brasil no mundo intelectual da época. Todos receberam *Casa Grande* como alguma coisa de definitivo e de novo na história da sociologia brasileira. Iniciou mesmo uma nova fase na concepção dos nossos problemas de história social. Talvez com exceção do Sr. Miranda Reis, sociólogo da escola de Durkheim, que escreveu uma série de ensaios críticos para o *Boletim de Ariel*, poucas foram as restrições feitas àquele trabalho sob o ponto de vista estritamente teórico. E o livro ficou como um dos pontos mais altos nos estudos sociais brasileiros.

Mas, a maneira de Euclides da Cunha, de Spangler, de Comte - cuja primeira ou cujas primeiras obras foram também as melhores - não o conseguiu o Sr. Gilberto Freyre alcançar o mesmo nível de profundidade e segurança do seu primeiro trabalho. Não vamos dizer que se tenha esgotado depois dêle. A sua produção massiça, dando em média mais de um livro por ano, é a maior prova da sua inesgotável capacidade de trabalho. Mas é aí justamente que reside o seu mal, segundo nos parece. Constitui lugar comum dos mais sebotos que a quantidade prejudica a qualidade. Se não sempre, quase sempre. Em matéria de ficção ou de poesia torna-se muito mais aceitável essa facilidade de produção, porque o processo elaborativo não depende de fontes de cultura exterior. Nenhum romancista ou poeta precisa se inteirar a respeito do que se escreveu antes dêle para depois então começar a produzir a sua obra. Basta ser sincero e ter talento - e às vezes nem isso - e sentir-se parte integrante do seu tempo, para



que a sua obra ofereça desde o início grandes possibilidades de ficar. Mas o homem de cultura, o sociólogo, o filósofo, o ensaísta precisa sedimentar tudo o que se fez antes dêle, ver objetivamente até onde pode ir a sua humilde originalidade. Já dizia Goethe que não há idéias originais, o que há são variantes novas de uma idéia velha. Porque, de fato, é muito fácil dar-se opinião sôbre um problema qualquer, como quem descobre a pólvora, desprezando ou não procurando se inteirar do que já se escreveu antes. A coragem de afirmar varia quase sempre com a ausência de conhecimento de um dado assunto. A prudência deve sempre acompanhar o ensaísta principalmente quando êle se aventura a anunciar o seu produto como o mais novo e original do mercado. Talvez que alguém já o tenha apregoado antes dêle...

Mas, voltando à bibliografia do Sr. Gilberto

(Continua na página 24)

Freyre, podemos constatar logo à primeira vista que o grande êxito alcançado pela publicação de *Casa Grande e Senzala* o animou a reunir em livro muitos outros estudos menores, inclusive *Artigos de Jornal*, que desaparecem como quase insignificantes junto à importância da obra anterior. Afirmam pacificamente os críticos que *Sociologia* (2 vols., 1945) é a sua segunda grande publicação depois de *Casa Grande*. Assim parece ser, contudo preferimos mil vezes o Sr. Gilberto Freyre tratando de assuntos brasileiros de sociologia aplicada, de história social, a vê-lo a braços com os problemas cerrados de teoria ou doutrina pura. Sem dúvida não se encontra aqui a sua preferência. É curioso notar que até o seu estilo — aquele estilo vivo, plástico e claro — se transforma em alguma coisa de palavroso, com frases longas e cansativas. Parece que no afã de tudo explicar, perde-se o Sr. Gilberto Freyre no emaranhado de suas próprias palavras, que se entrecrocam sem nada esclarecer em definitivo.

Sabíamos que o forte do Sr. Gilberto Freyre era o conhecimento da sociologia norte-americana, já que foi naquele país onde êle se diplomou, depois de árduos estudos universitários. Mas, em *Sociologia*, comparecem em grande número as citações de autores alemães. E é imbuido desse espírito filosófico que ali se inclui em capítulo intitulado *Ciência Natural e Ciência Cultural*, da página 161 à página 165. Em conjunto é um estudo absolutamente insignificante, sem grandes debates doutrinários, nem aprofundamento de problemas, nem muito menos com indicação de fontes bibliográficas as mais recentes. Limita-se o Sr. Gilberto Freyre a uma pequena citação de Rickert e a outra de Echavarría, quando o assunto hoje em dia é motivo dos mais interessantes debates dentro do capítulo maior da metodologia sociológica.

Pois bem, a certa altura do ensaio, não podendo mais dominar seu grande espírito inventivo, escreve o Sr. Gilberto Freyre: "A separação não é absoluta: donde nos aventuramos a chamar de ciência mista ou anfíbia à sociologia". Pouco adiante, torna a dizer: "Para a sociologia nos parece necessário abandonar a dualidade — ciência natural, ciência de cultura — diante de uma vida ou realidade — a social — mista". E ainda, mais uma vez: "Como ciência ao mesmo tempo natural e cultural, ou antes social, sustentamos nós, considerando o seu caráter de ciência do social, voltada para o estudo do processo ou dos processos sociais de interação, das formas sociais e das situações sociais de organização e desorganização. Ciência situada na zona de ligação do estudo do natural com o estudo do cultural. Ciência mista ou

anfíbia, é o que nos parece a sociologia, pelo menos atualmente".

Aos leitores desses trechos citados, parecerá ser o Sr. Gilberto Freyre criador de uma concepção nova no estudo da sociologia. Imagina-se êle em terríveis aventuras intelectuais, sustentando coisas até então inteiramente novas. Na verdade a aventura do autor não passa afinal de contas de um tranquilo passeio de barco no rio Capiberibe, já há trilhas e até iluminação elétrica na floresta virgem onde se passam as suas aventuras.

Começemos com o próprio Rickert, citado expressamente no texto e em nota. Nesta última, afirma-se que Rickert desenvolve critério já esboçado por Wilhelm Windelband no seu ensaio *Geschichte und Naturwissenschaft*, datado de 1900. A edição citada do livro de Rickert é de 1926, o que leva a parecer lógica e exata tal afirmativa. Mas, em realidade, só o é em parte, porque a primeira edição do ensaio de Windelband é de 1894, constituído de um célebre discurso como reitor da Universidade de Strasburg e a do livro de Rickert é de 1899. A data de 1900, já ambos haviam desenvolvido e exposto as suas idéias.

Ainda falando de Rickert, transcreve o Sr. Gilberto Freyre um trecho do seu conhecido livro — *Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft*, no qual êle mostra que há territórios intermediários entre as duas divisões, que participam das características de ambas, e termina: "Nesse território intermédio é que nos parece achar-se a sociologia, que o Professor Rickert não menciona em seu estudo". De fato, não menciona Rickert expressamente a sociologia, mas se refere de modo preciso à economia política, outra ciência social, no capítulo justamente dedicado aos territórios intermédios. Em nota, escreve Rickert: "Ainda que repetidas vezes, e apoiando-se em minhas investigações metodológicas, se tenha discutido a questão de se a economia política é uma ciência histórica individualizadora ou uma ciência generalizadora, devo advertir expressamente que não posso propor seja tomada uma atitude a respeito dessa questão. Deve ficar reservada à decisão dos especialistas. De pontos de vista lógicos, tão legítima é uma exposição generalizadora da vida econômica como uma exposição individualizadora".

E Wilhelm Dilthey, o verdadeiro precursor de toda essa pesquisa metodológica, que dividia as ciências da natureza e do espírito, já colocava a sociologia num campo intermediário. Em nota para nova edição de um dos seus primeiros livros *Einleitung in die Geisteswissenschaften*, (1883) mas só publicada postumamente, escrevia êle a respeito da sociologia: "Minha concepção se dis-

(Continua na página 28)

tingue da de Simmel antes de tudo porque eu não reduzo essas forças de coesão social aos simples motivos de ordem psicológica (ciência do espírito) que acabo de indicar, mas porque considero como tendo igual importância essas relações estabelecidas pela natureza (ciência da natureza) e que são a comunidade de raça, de origem, ou melhor, a homogeneidade da família e da raça, tanto quanto o habitat geográfico comum". (Os dois parênteses são nossos).

Em livro recente de divulgação, *Introducción a la Sociología* (trad. esp. de 1940, págs. 85 e segs), discute Adolf Menzel essa questão metodológica com bastante acuidade. E logo de início, escreve êle: "Devemos advertir de antemão que, segundo nossa opinião, seria equivocado considerar um só método como o único justo. Cabe ser aplicável nesse caso a frase de Dilthey: "Com o método sucede o mesmo que com uma faca: é preciso provar se corta". Por isso mesmo, não devemos ter em demasiada conta a correção lógica ao tratar de fazer mais profundo o nosso conhecimento dos grupos humanos. Assim, se não podemos chegar de outra maneira a uma concepção da sociedade, devemos empregar uma pluralidade de métodos. E isso é válido sobretudo no que se refere à contradição, muitas vezes assinalada, entre os métodos empíricos de investigação e os próprios das ciências do espírito. Os primeiros são os que dominam atualmente a sociologia americana, indo tão longe neste sentido alguns de seus representantes que vêm na sociologia tão somente um aspecto das ciências naturais. Ao contrário, hoje é muito corrente na Alemanha a opinião de que tão somente o método das chamadas ciências do espírito é o adequado à sociologia. Mas o fato de que a sociedade humana seja um produto da natureza, como se deduz da influência que sobre ela exercem o solo e a raça, e ao mesmo tempo um produto do espírito, se opõe a tais concepções unilaterais. Seria muito recomendável que, em geral, em lugar de realizar investigações puramente teóricas sobre questões metodológicas, se examinassem em exposições monográficas de conteúdo sociológico o valor dos diferentes métodos".

Em nenhum outro livro de sociologia contemporânea se encontra uma análise tão profunda do assunto que vimos estudando como em *Methodenlehre der Sozialwissenschaften* (Viena, 1936), de autoria de Felix Kaufmann, discípulo de Hans Kelsen. Colocando o debate num terreno filosófico da teoria do conhecimento, onde se sentem pronunciadas influências fenomenológicas da escola de Husserl, completa-o o autor com uma visão de

conjunto do chamado empirismo lógico. Todos esses aspectos são explorados até seus mínimos detalhes nos pontos que possam ser aproveitados como método das ciências sociais. Trata-se, sem dúvida, de um imenso esforço no sentido de sobrepor-se às disputas metodológicas atuais. No capítulo VI, da 2.ª parte, referente a leis sociais e tipos ideais, escreve Kaufmann: "Pelas considerações feitas de início na primeira parte e no capítulo precedente da segunda, foram postos à mostra os equívocos essenciais da disputa metodológica a respeito do caráter das leis científico-sociais e, particularmente, a insuficiência das fórmulas antitéticas a respeito das relações entre ciências sociais e naturais".

No capítulo referente às ciências sociais e naturais, mostra Kaufmann justamente os erros em que vêm incidindo os adeptos extremados das duas correntes, de vez que não "existe uma diferença fundamental entre a investigação científico-natural e a das ciências do espírito. Depois de mostrar a fragilidade de tais erros, conclui Kaufmann por declarar que deve "ser revista essa suposição precipitada das diferenças radicais que existiriam entre leis naturais e leis sociais".

Agora, para arrematar essas ligeiras citações, basta um trecho de Leopold von Wiese, o antigo mestre de Colonia e criador da sociologia formalista da chamada doutrina das relações sociais (*Beziehungslehre*). Trata-se de um livrinho de divulgação, aparecido em espanhol no ano de 1932, sob o título de *Sociología — Historia y principales problemas*. Depois de expor as doutrinas de Werner Sombart e Gerhard Lehmann, que admitem a sociologia unicamente como ciência do espírito, revela Von Wiese a sua opinião a respeito com essas palavras: "Frente a isso, temos de afirmar nossa convicção de que a contraposição entre ciências da natureza e do espírito é inadequada para a sociología: deve ela ordenar, medir e contar, mas também tem de mostrar uma compreensão imediata para as atividades e manifestações do espírito humano; deve achar-se em condições de uma contemplação panorâmica, mas também de decompor e analisar seus elementos. Cabem nela tanto as regras e objetos científico-naturais como os conceitos intuitivos e o sentido íntimo do imponderável".

Curioso é, ainda mais, que o Sr. Gilberto Freyre cita expressamente um estudo de José Medina Echavarría, estampado em *Sociología — Teoria y Técnica* (México, 1941, págs. 35/66). Cita-o em um trecho inexpressivo, quando naquele mesmo ensaio, conclui o professor espanhol, agora radicado no México, com idêntica tese a que

(Conclui na página 30)

tão ousadamente se aventurou, sentindo-se solitário, o Sr. Gilberto Freyre. Informa Echavarría, com toda razão, que a estreita limitação que a dicotomia ciências da natureza-ciências da cultura vinha impondo no desenvolvimento da investigação social pode hoje em dia ser considerada como coisa passada e desfeita essa própria dicotomia. E pouco adiante: "A realidade social aparece-se-nos, assim como natureza e espírito ao mesmo tempo. Pois bem, tais notas correspondem ao que é a vida humana, incluída por um lado na natureza, física e biológica, e transcendendo por outro dessa natureza por meio de uma atividade que só ao homem pertence".

Ainda citando este autor, declara o Sr. Gilberto Freyre: "Inegável como é, escreve o Professor Echavarría, um dos mais lúcidos sociólogos de hoje, que "o homem esteja unido à sua animalidade" — à sua condição física e biológica, diria, talvez, mais compreensivamente — o mesmo homem, "para seu bem ou para seu mal, segundo a posição metafísica que se tenha... perturba... seu estado natural". Perturba-o com "seu querer" e "sua inteligência" diz o Professor Echavarría. Com a sua "cultura" (de que sua personalidade é uma expressão), preferimos nós dizer".

Mas, antes da preferência do Sr. Gilberto Freyre, já o próprio Echavarría se referiu à cultura, como tecnicamente se denomina em sociologia ou em antropologia a esse conjunto de atos humanos, que importem num acréscimo à natureza, que constituem, afinal de contas, a tessitura das próprias instituições sociais, com as suas atitudes, modos de agir, juízos de valor, costumes, etc. Seria ridículo não soubesse um mestre de sociologia, como é Echavarría, a denominação técnica e extensiva desse conjunto que vem do "querer" e da "inteligência" do homem. Pouco adiante estuda o professor espanhol exatamente o significado dessa cultura, e escreve em certo momento: "Neste sentido, os fenômenos objetos da sociologia e das demais ciências sociais são formas de vida, ou como também já se disse, formas da cultura, se por esta se entende o que o homem ajunta à natureza sem prescindir dela e enquanto é uma atividade e não um precipitado".

E é igualmente nesse mesmo ensaio que Echavarría estuda a importantíssima obra de Hans Freyer *Soziologie als Wirklichkeitswissenschaft* (1930), que desenvolve a tese da irreduzível especificidade do social, da realidade social, misto de natureza e de cultura e que deve ser o objeto único da sociologia, se esta pretende realmente sobreviver a toda essa tremenda disputa metodológica, como a denomina Kaufmann.

Com tantos companheiros e precursores, não deve o Sr. Gilberto Freyre temer o resultado da sua desejada aventura nesse capítulo da sociologia. O que lhe parece ousadia doutrinária das mais arriscadas, não passa de um simples éco, e assim mesmo muito fraco, de outras vozes mais fortes e robustas que se fizeram ouvir antes dele. Muito antes dele...